

**As Coleções de Recursos Genéticos de Pupunha  
do Centro de Pesquisa do Cacau – CEPEC /  
Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira – CEPLAC<sup>1</sup>**

Maria das Graças C. Parada Costa SILVA<sup>2</sup>

O primeiro acesso de pupunheira (*Bactris gasipaes* Kunth) para fins de pesquisa na Bahia foi instalado na Estação Experimental Lemos Maia - ESMAI, Una, Ba, em 1982, oriundo das proximidades de Pampa Hermosa, Peru (Difusão Agropecuária, 1990), tratando-se provavelmente da população de Yurimáguas, Loreto, Peru, raça “mesocarpa” Pampa Hermosa, introduzido em 1980 no Brasil, por Wanders Chávez-Flores, citado por Clement (1997). Segundo fonte não oficial este material foi oriundo do INPA. O estande, composto originalmente de 351 pupunheiras, foi implantado em 1983 para produção de frutos, no espaçamento 6 x 6 m, em consórcio com pimenta do reino (*Piper nigrum*), cacau (*Theobroma cacao*), leucena (*Leucaena leucocephala*) que servia de tutor para a pimenta do reino, e abacaxi (*Ananas comosus*) e outras culturas de ciclo curto.

As pupunheiras apresentaram excelente adaptação às condições ambientais da região, tendo iniciado a produção de frutos em 1988, colhendo 1.463 kg/ha e no ano seguinte, 6.991 kg. Os consórcios de ciclo curto tiveram sua produção colhida no tempo previsto e os demais foram eliminados no ano de 1996 por problemas de doenças na pimenta do reino e baixa produção do cacau em virtude da alta competitividade com as pupunheiras no sistema de plantio utilizado (sistema contínuo).

Com a divulgação da pupunha para produção de palmito na Bahia, no final de década de 80, que coincidiu com a crise da lavoura cacaueira, deu-se início à grande procura por informações e por sementes de pupunha pelos produtores regionais e, posteriormente, por produtores em nível nacional. Esta área passou então a ser melhor assistida e tornou-se uma área de produção de sementes de pupunha para atendimento aos produtores da região. Concomitantemente, deu-se início ao projeto “Introdução, Caracterização e Avaliação de Germoplasma de Pupunheira”, com o objetivo de caracterizar e avaliar a referida coleção e os demais acessos que poderão compor o BAG de pupunha para posterior utilização em trabalhos de melhoramento da cultura.

Para as análises físicas foram aplicados descritores considerados básicos para a caracterização de germoplasma e identificação de raças de pupunheiras tomando por base o cacho, fruto e semente, segundo Silva (1992). Os resultados detalhados deste trabalho estão descritos em Relatório Técnico do CEPEC, e em artigo a ser publicado, possivelmente pela Revista Agrotrópica. Em síntese, as pupunheiras da ESMAI, população Yurimaguas, apresentam as seguintes características: número médio de cachos por touceira - 8 (2 – 20), com peso médio de 2,7 kg (0,3 – 12,7 kg); o número médio de frutos férteis/cacho foi de 59,3 (0 – 382); nº médio de frutos partenocárpicos / cacho – 8,9 (0 – 356), apresentando maturação predominantemente tardia; peso médio de fruto fértil – 41,1 g (4,6 – 97,5 g); peso médio de fruto partenocárpico, 3,9 g (1 – 53 g). A maioria dos frutos apresentaram rachadura no exocarpo, com coloração predominantemente laranja intenso (31,1 %), vermelho (25,5%) e laranja (14,0%), chegando ao amarelo, branco e misturado com verde. 76 % dos frutos apresentam polpa de cor laranja. O peso médio de uma semente foi de 2,5 g (0,7 – 6,0 g) com

---

<sup>1</sup> Apresentado no Reunião Técnica do Projeto de ProBio/MMA Pupunha – raças primitivas e parentes silvestres, Manaus, Amazonas, 22-24 de junho de 2005.

<sup>2</sup> Eng<sup>a</sup> Agrônoma/FFA/MSc – CEPEC/CEPLAC – Km 22 Rod. Ilhéus-Itabuna, Itabuna, BA, Cx. Postal 07

variadas formas (obovada, elíptica, arredondada, cuneiforme ou oblonga). As análises químicas detectaram frutos com teor de gordura variando de 2,7 a 50,7 %, proteína de 3,1 a 12 %, cinza de 0,2 a 4,5 %, umidade de 41 a 79,4 % e amido de 9 a 63, 5%.

Em 1992, a CEPLAC recebeu 24 acessos de pupunheira recoletadas no BAG da Universidade de Costa Rica, as quais foram implantadas em 1995 na Quadra F' do CEPEC. Por ser um material predominantemente espinhoso, recomendou-se na época instalá-lo em local distante da ESMAI, para evitar contaminação das pupunheiras inermes, cujo objetivo principal é o fornecimento de sementes de pupunha para os produtores regionais. Esses acessos estão assim discriminados: BR – Fonte Boa (raça Solimões); COL – Guaínia (raça Inirida); CR – Guápiles (raça Utilis); CR – Puriscal (raça Utilis); CR – San Carlos (raça Guatuso); CR – San Isidro (raça Utilis); CR – Tucurrique (raça Utilis); ECU – Missauh; ECU – Pacífico I; ECU – Pacífico II (raças de ECU não descritas ainda); PAN – Darién I (raça Tuira?); PAN – Darién II (raça Tuira?); PE – Iquitos (população híbrida); PE – Loreto (raça Putumayo). Devido às dificuldades na instalação e na manutenção do plantio, alguns acessos foram perdidos, restando 18, sendo que 04 destes contam apenas com 01 indivíduo.

Espera-se dar continuidade ao projeto de caracterização, utilizando os descritores anteriores e técnica de marcadores moleculares. É necessário, no entanto, recursos para esta finalidade.

### **Bibliografias citadas**

- Difusão Agropecuária. Pupunha produz frutos nutritivos e excelente palmito para exportação. *Difusão Agropecuária*, CEPLAC/CEPEC, Ilhéus (BA), v. 2, n. 1, p. 36–39, 1990.
- Clement, C.R. Pupunha: Recursos genéticos para a produção de palmito. *Horticultura Brasileira*, v. 15 (suplemento), p. 186–191, 1997.
- Mattos-Silva, L.A. *Diferenciación taxonómica de diez razas de pejibaye cultivado (Bactris (Guilielma) gasipaes K.) y su relación com otras especies de Bactris*. Tesis de Maestria, Univ. Costa Rica, San Pedro, Costa Rica, 1992.
- Mattos-Silva, L.A. & Mora Urpi, J. Descripción morfológica general del pejibaye cultivado [*Bactris (Guilielma) gasipaes* Kunth, Arecaceae]. *Boletín Informativo Pejibaye*, Univ. Costa Rica, v. 5, n. 1, 1996.
- O Dirigente Rural*, maio/junho 1977, pag. 24